

## A ETNOGRAFIA É UM MÉTODO, NÃO UMA MERA FERRAMENTA DE PESQUISA... QUE SE PODE USAR DE QUALQUER MANEIRA.

Nesta edição da *Revista de Ciências Sociais* apresentamos Entrevista feita com **José Guilherme Cantor Magnani**, Professor Titular do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (USP).

Uma das principais referências em Antropologia Urbana no Brasil, Magnani é autor de *Festa no pedaço: cultura e lazer na cidade de São Paulo* (Editora Brasiliense, 1984) e “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” (*Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2002), dentre outros trabalhos. É organizador das coletâneas *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana* (Magnani *et alli* Edusp/FAPESP, 1996) e *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade* (Magnani *et alli*, Editora Terceiro Nome, 2007). Na USP, Magnani é coordenador do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP) e editor de sua revista eletrônica, *Ponto.Urbe*. Também é organizador do evento *Graduação em Campo* que reúne, anualmente em São Paulo, jovens etnógrafos de todo o país.

A entrevista foi realizada por **Jania Perla Diógenes Aquino**<sup>1</sup>, no primeiro semestre de 2012, ocasião em que, atendendo a um convite do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, Magnani esteve em Fortaleza, para ministrar Aula Inaugural no curso de graduação em Ciências Sociais.

**Jania:** professor Magnani, eu gostaria de começar abordando a sua formação acadêmica, a graduação em

Ciências Sociais que o senhor cursou na UFPR, o mestrado na FLACSO do Chile e o doutorado na USP.

**Magnani:** isso mesmo, eu fiz graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná, no final dos anos 1960. Em razão de militância no movimento estudantil, respondi a um processo na justiça militar e, condenado pela lei de segurança nacional, optei por sair do país. Ainda assim, consegui terminar a graduação e colar grau, e decidi ir para o Chile, para onde afluíam, na época, os perseguidos pela ditadura militar que eram recebidos pelo governo socialista de Salvador Allende. Na FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), iniciei meus estudos de pós-graduação e, como não havia antropologia, escolhi sociologia, sob a orientação do professor Emilio de Ipola que, por sua vez, fora aluno de Louis Althusser. Era a época do boom do estruturalismo no marxismo, na literatura, linguística e na antropologia e assim entrei em contato com uma bibliografia a que não tive acesso na graduação. O tema da pesquisa - contos orais camponeses - foi sugerido por Emílio, porque era um tema também ligado à conjuntura política do país. Como se sabe, na perspectiva de determinados enfoques marxistas, os setores camponeses eram tidos como estruturalmente avessos à mudança social; então, ele sugeriu que eu fizesse minha pesquisa com pequenos proprietários no sul do Chile, para analisar sua ideologia, com base na semântica estrutural de A. J. Greimas e análise de discurso de Michel Pêcheux. A

## A etnografia é um método...

ideia era justamente identificar os núcleos de ideologia constitutivos da visão de mundo e do modo de vida desses camponeses e ver até que ponto havia “brechas” para aceitação de mudanças sociais radicais, como as propostas pelo socialismo. O resultado da dissertação, “Os contos orais camponeses como produtos ideológicos”, foi interessante, mas não tenho muita certeza sobre os desdobramentos políticos da pesquisa... Em decorrência do golpe militar no Chile, tive que sair de lá e fui para a Argentina, onde segui na FLACSO, agora como pesquisador, desenvolvendo pesquisa sobre meios de comunicação de massa, em contato com Eliseo Verón. Continuei, portanto, com o estudo de ideologias. A essa altura, já estava mais claro meu interesse por cultura, cultura popular, análise de discurso. Enfim, essa foi a trajetória de minha formação, da graduação até o mestrado. Em seguida, voltei para o Brasil e ingressei no Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas da USP.

**Jania:** no doutorado na USP, a professora Ruth Cardoso foi a sua orientadora.

**Magnani:** sim, mas também procurei o Museu Nacional e a Universidade de Brasília, onde conversei com alguns professores. Mas terminei me acertando melhor na USP com Ruth Cardoso, que conhecia o ambiente intelectual do Chile onde me formei. Meu crescente interesse por cultura popular combinou bem com o que a Ruth estava trabalhando na época, que eram os movimentos sociais urbanos na periferia. E eu escolhi um tema de cultura popular – agora no contexto urbano – pouco estudado na cidade de São Paulo, que foi o circo-teatro.

**Jania:** e sua tese, *Festa no Pedço*, se tornou um dos livros mais importantes da Antropologia urbana feita no Brasil.

**Magnani:** *bem, nem tanto assim... Mas que o recorte era original, isso era, porque na época, escolher*

*um tema como esse, considerado irrelevante, era pouco usual. Havia pessoas preocupadas com a política, o trabalho, os moradores de periferia e eu estudando uma forma de entretenimento popular, de lazer e, ainda por cima, circo-teatro ... No entanto, entre as disciplinas que frequentei, estava a da professora Marlyse Meyer, que era da Letras, sobre a formação do romance folhetim. Então comecei a perceber que essa forma de dramaturgia popular tinha raízes no melodrama do século XIX, na Commedia dell'Arte do século XVI e era uma forma através da qual as chamadas classes populares elaboravam, no palco, aspectos e valores ligados a seu modo de vida: daí o interesse do tema para a antropologia porque ia além do mero entretenimento. Havia uma novidade aí, era uma espécie de via de acesso para o entendimento do modo de vida dos moradores da periferia de São Paulo.*

**Jania:** em alguma medida, parece haver aproximações entre o circo-teatro e os contos camponeses, seu tema no mestrado.

**Magnani:** na verdade, não se afastava muito porque o circo teatro é uma forma de manifestação cultural tradicional que circula não só em pequenas cidades do interior do Brasil, mas também pelas periferias dos grandes centros urbanos, como é o caso de São Paulo. Ademais, servi-me de ferramentas da semântica estrutural e da análise de discurso em ambos os casos.

**Jania:** eu lembro que o senhor mencionou em uma ocasião, pode ter sido em uma aula, que a Alba Zaluar teria sido sua colega no doutorado; esse dado é interessante, afinal *Festa no pedaço* e *A máquina e a revolta*, dois livros referenciais nos estudos de antropologia urbana no país, remetem a uma mesma turma de doutorado.

**Magnani:** sim, fomos contemporâneos, Alba foi orientanda da Eunice Durham e eu de Ruth Cardoso;

eu trabalhava com a periferia de São Paulo e ela com uma população da periferia do Rio de Janeiro, na Cidade de Deus. Mas o foco de cada um foi diferente: ela se interessou pela questão da violência e eu me centrei na questão do lazer, na forma como as pessoas utilizam o tempo livre. Foi uma questão de escolha, na antropologia é a biografia de cada um e o percurso acadêmico que vão desenhando as opções.

**Jania:** depois de concluído o doutorado, o senhor começou a lecionar na USP?

**Magnani:** defendi o doutorado na Universidade de São Paulo no ano de 1982. Mas, um ano antes, fui convidado para dar aulas na UNICAMP, onde permaneci por dois anos. Depois, a professora Eunice Durham me convidou para ir para a USP; fui entrevistado pelos integrantes do Departamento de Antropologia –, na época não havia ainda concurso, como fiz depois – e assim, comecei a lecionar no Departamento de Antropologia da FFLCH da USP em 1983.

**Jania:** observando sua produção, duas vertentes de discussões são proeminentes; uma delas é a questão da antropologia urbana, a outra envolve as discussões sobre o fazer etnográfico. Como é que esses temas foram ganhando importância na sua trajetória acadêmica?

**Magnani:** nos dois primeiros anos, dei aulas apenas na graduação; em seguida, fui credenciado para a pós-graduação e passei a ter orientandos que começaram a escolher temas sobre a questão urbana. Encaramos a cidade de São Paulo como um grande laboratório de práticas culturais, sociabilidade, trocas simbólicas. Era um desafio que, claro, não dava para ser enfrentado de forma individual. Assim comecei a orientar projetos, inicialmente de mestrado, enquanto desenvolvia minhas próprias pesquisas com financiamento do CNPq; meus alunos começaram a fazer pesquisas de mestrado, iniciação científica e, depois,

doutorado com bolsas do CNPQ, CAPES e FAPESP. Meu primeiro projeto, com bolsa Produtividade em Pesquisa (1989/1991), tinha como título “Os pedaços da cidade” e, entre outros objetivos, propunha-se a fazer uma espécie de experiência metodológica com a categoria “pedaço” que eu tinha trabalhado na periferia. A pergunta era: existiam “pedaços” no centro? Na periferia o contexto era o bairro e a vizinhança; será que esta categoria seria adequada para entender a dinâmica urbana fora da periferia? Era um desafio metodológico e teórico; então eu e meus alunos, já no Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP), começamos a fazer incursões pela cidade para testar a categoria e nos demos conta que o “pedaço” descrevia uma forma específica de sociabilidade e que a dinâmica da cidade ia muito além disso. Desta forma, a partir do próprio campo, mas em novos contextos, é que surgiram as demais categorias da “família”: o “trajeto”, o “circuito”, a “mancha”, o “pórtico”. Elas foram desenvolvidas ao longo das etnografias, no campo da antropologia urbana, pois se a cidade me dava as questões, era preciso desenvolver ferramentas de análise que dessem conta desses temas na cidade da São Paulo.

**Jania:** então suas pesquisas caminham a partir de experimentos com etnografias, em que algumas categorias nativas vão se tornando categorias analíticas; elas surgem em um certo contexto etnográfico, aí o senhor vai experimentando em outro trabalho de campo e observando o seu rendimento. Algumas destas categorias como “pedaço”, “circuito” e “mancha” têm sido experimentadas por pesquisadores e estudantes nos mais diferentes contextos etnográficos. Como o senhor pôde ver na conferência de ontem, seus textos fazem muito sucesso entre nossos alunos...

**Magnani:** fiquei muito surpreso e bastante contente ao me deparar, ao término da palestra que eu

dei aqui em Fortaleza, na aula inaugural do curso de Ciências Sociais em 2012, com a quantidade de perguntas que os alunos fizeram, justamente sobre a utilização dessas categorias. Isso mostra que não apenas elas são utilizadas, mas continuamente testadas. Não formam um conjunto fechado a ser aplicado de forma mecânica. Os alunos experimentam de uma maneira e se não dá certo, aí eles adaptam, ampliam, escolhem. Porque essas categorias podem ser utilizadas algumas vezes juntas, outra vezes separadamente – ora o pedaço, ou o circuito, ou ainda o trajeto e o pórtico e assim por diante. Vai depender da natureza do objeto da pesquisa. Na verdade foram forjadas coletivamente; é um trabalho do Núcleo de Antropologia Urbana ao longo de pesquisas feitas com alunos de graduação e pós-graduação. Como categorias, elas são instrumentos de trabalho, estão sujeitas a modificações e gosto quando vem um aluno e diz: professor, eu tive que fazer uma modificação. É ótimo, porque significa que a teoria está viva, não está fossilizada, ela está sujeita aos estímulos que vêm do campo.

**Jania:** agora, pergunto sobre o Núcleo de Antropologia Urbana que o senhor coordena na USP; seria possível contar como foi o surgimento do NAU e como ele funciona?

**Magnani:** o Núcleo de Antropologia Urbana surgiu de uma forma meio espontânea, quando eu comecei a ter alunos de pós-graduação e também alguns de graduação, na iniciação científica. Dei-me conta de que na universidade a forma de orientação na pós-graduação é muito solitária, é uma relação entre o orientador e o orientando; o aluno pode debater com colegas, mas basicamente é uma situação bastante isolada; ao propor uma rotina de intercâmbio mais sistemático para discutir os projetos e o andamento das pesquisas, percebi que um espaço mais institucionalizado de troca seria muito produtivo. Então, o núcleo surgiu com

a necessidade de fazer uma espécie de orientação coletiva. Claro que eu os atendia individualmente, mas percebi que, havendo temas em comum, então alguma bibliografia podia ser lida por todos. Cada aluno lia o projeto do outro, era a leitura de um colega – às vezes, até mais exigente que a do orientador. Eu nunca quis formalizar o núcleo: o nome NAU evoca, metaforicamente, a dinâmica de uma embarcação que às vezes está em alto mar, e às vezes está no porto, sendo abastecido, reparado... Quando os alunos estão em determinada fase da tese ou dissertação, eles desaparecem... e como não havia nenhuma necessidade burocrática de funcionar, de tempos em tempos o NAU refluiu para o porto e ficava ancorado. Mas quando surgia um estímulo novo, era o sinal para fazer-se ao mar...

**Jania:** e a revista Ponto Urbe, do NAU? Como é que ela surge?

**Magnani:** a revista surge em um momento em que o Núcleo se consolida. Neste ano, 2012, o Núcleo de Antropologia Urbana acaba de ser reconhecido pela Congregação da FFLCH como laboratório, o que lhe permite um pouco mais de recursos, visibilidade e tal. Ao longo desse tempo – lá se vão mais de duas décadas –, foi possível investir em algumas linhas de pesquisa que agora estão mais consolidadas. Por exemplo, os alunos que trabalham com a cultura e a língua de sinais (libras) ampliaram o leque de interesses, incluindo outras modalidades além da surdez, como cegueira e autismo: é o GESD, ou Grupo de Estudos da Surdez e da Deficiência. Membros de outra equipe que trabalhava mais com a questão da cidade, começaram a se interessar pela chamada cultura de periferia – que inclui grupos de rap, hip-hop, sarau literários, samba de raiz, etc. e forma um grande circuito na periferia de São Paulo. Um outro grupo de alunos, todos nisseis, começou a estudar o movimento da volta dos dekassegus, ao Brasil e logo ampliaram o objetivo,

inserindo o estudo na questão mais geral dos processos migratórios contemporâneos. O GERM – Grupo de Estudos da Religião na Metrópole – congrega também estudantes orientados por outros professores do Departamento. Por último, temos o GEU, voltado para pesquisa com populações indígenas em contextos urbanos na Amazônia. É um campo novo e resolvemos dar esse nome – Grupo de Etnologia Urbana – para frisar a novidade e o desafio, pois estamos entrando numa seara nova e alheia... Em contato com etnólogos que estudam populações ameríndias nessa região e também com geógrafos da Universidade Federal do Amazonas, procuramos estabelecer uma interlocução da Antropologia Urbana, feita no contexto das grandes metrópoles do Sudeste, com a realidade dos “índios urbanos” em cidades de outras escalas, na região amazônica. Cabe ainda mencionar dois outros grupos do NAU, em fase de consolidação: o CyberNau, voltado para as novas tecnologias digitais, tanto como ferramentas de pesquisa como objeto de estudo e o NauConsciência, sobre uso de substâncias psicoativas em processos terapêuticos, no campo das religiões ayahuasqueiras. Mesmo antes de termos todos esses grupos em atividade, percebemos a necessidade de um veículo mais institucionalizado de discussão e difusão, mas não restrito às pesquisas do NAU, e sim aberto para acolher trabalhos de outros pesquisadores de Antropologia Urbana. Então, a revista **Ponto Urbe** surge com essa dupla finalidade: de ser um veículo de exteriorização das nossas pesquisas em diálogo com pesquisadores de outras instituições. Sua periodicidade é semestral e já está em sua décima primeira edição.

**Jania:** já que o senhor mencionou a pesquisa da etnologia urbana, eu gostaria que falasse mais sobre essa passagem, na sua trajetória, de uma “antropologia na cidade” (que o senhor acentua que é diferente de

uma “antropologia da cidade”), para esta “etnologia na cidade”?

**Magnani:** esse neologismo, Etnologia Urbana, como já afirmei, designa um campo novo de reflexão e todos os desafios que acarreta. Tudo começou com um convite que me foi feito pela professora Marta Amoroso, que é da área de etnologia indígena do nosso Departamento e estava fechando um convenio da CAPES, o Procad, que permite um intercambio entre um programa de pós-graduação já consolidado e um outro em formação, no caso, o PPGAS da USP com o PPGAS da UFAM – Universidade Federal do Amazonas. O projeto tinha como título “Paisagens ameríndias: habilidades, mobilidade e socialidade nos rios e cidades da Amazônia” e a participação do NAU era no sentido de trabalhar com os chamados “índios urbanos”. Se a gente tomar, por exemplo, os dados do último censo do IBGE, a presença da população indígena em cidades é significativa: de um total de 896.900 pessoas, 315.180, ou seja, 36,2%, vivem em cidades. Essa realidade não é levada em sua devida conta ou então é encarada do ponto de vista da exclusão, ou seja, reduz os índios a moradores de periferia, com todos os estereótipos: inserção precária no mercado de trabalho, localização em áreas de risco, desprovidas de equipamentos e serviços urbanos, etc. Então, resolvi fazer outras perguntas: o que é cidade, a partir da cosmologia dos vários povos que aí estão instalados? Que modificações sua presença acarreta na própria dinâmica urbana? Com quem estabelecem vínculos e alianças? Quais são seus trajetos na paisagem da cidade e que instituições acionam, para manter um modo de vida diferenciado? Ou seja, trata-se de encarar a presença dos índios na cidade do ponto de vista da sua agência, da sua forma de vida, de suas cosmologias. Eles dizem e fazem algo diferente; não são apenas migrantes que se dirigem à cidade para poder arranjar algum tipo

## A etnografia é um método...

de recurso e sobreviver a duras penas: sua presença transforma a cidade. Esse era o desafio e começamos a trabalhar em Manaus, porque na capital a presença indígena é significativa, mas incluímos outras cidades da calha do Amazonas como Parintins e Barreirinha, onde predominam os Sateré-Mawé.

**Jania:** todos os anos o senhor tem se empenhado na organização do “Graduação em Campo”. O título deste evento assinala a sua preocupação em iniciar os alunos no trabalho de campo, já na graduação. Por que?

**Magnani:** esta é, sem dúvida, uma postura que tenho adotado há algum tempo, a de valorizar o trabalho de campo na graduação. Normalmente os institutos de fomento valorizam a pós-graduação, e o trabalho acadêmico é “contabilizado” pela produção, participação em eventos, pelo número de teses e dissertações orientadas, etc. E o trabalho com a graduação não é valorizado. Nossos alunos muitas vezes ficam sem espaço para discussões que vão além da formação básica. Se você pensar, por exemplo, nos encontros da ABA, da ANPOCS, dificilmente um aluno de graduação tem espaço para expor o seu trabalho; no máximo, eles conseguem cinco minutos para apresentar um pôster. Penso que esses menino(a)s precisam dispor de um espaço para discutir seriamente os seus TCC’s, os seus relatórios finais de pesquisa e tal. Mas com dignidade, para sentirem que não são convidados incômodos no evento. Então, comecei a organizar o “Graduação em Campo” que já tem dez anos de funcionamento. Primeiro, abri para os alunos de uma disciplina que dou no Curso de Ciências Sociais, chamada “Pesquisa de campo em Antropologia”. Havia trabalhos de conclusão muito criativos e o risco era terminarem na gaveta do professor, sem nenhuma visibilidade. Então, tive a ideia de organizar um fórum para que os alunos pudessem expor os trabalhos, discutir, ouvir

comentários sobre suas pesquisas e tal. E hoje recebemos alunos do Brasil inteiro. Há também o cuidado de estabelecer uma ponte com a pós-graduação, porque quem comenta os trabalhos são mestrandos e doutorandos do PPGAS, e os alunos de graduação se sentem valorizados porque um pós-graduando leu e comenta seu trabalho. São quatro dias de trabalho; a abertura é feita por um antropólogo de renome, e é gratificante observar a presença de estudantes vindos de todas as partes do Brasil, para muitos dos quais é uma oportunidade de conhecer a USP e a própria cidade de São Paulo.

**Jania:** retomando o tema da sua produção, gostaria que o senhor falasse sobre sua tese de livre docente, “Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisas em antropologia urbana em São Paulo”, que é uma espécie de antropologia da antropologia, não é?

**Magnani:** é um pouco isso. Como você sabe, as teses de livre docência têm dois formatos: elas podem ser apresentadas com base numa pesquisa inédita ou então pode ser uma espécie de releitura de trabalhos feitos pelo pesquisador ao longo de sua carreira. Eu fiz uma coisa intermediária, tentei construir uma reflexão sobre o surgimento da antropologia urbana na Universidade de São Paulo a partir da contribuição da minha orientadora Ruth Cardoso, da professora Eunice Durham e da professora Gioconda Mussolini. São três pesquisadoras e professoras cujo trabalho foi decisivo na constituição da antropologia urbana, dentro do debate entre a Escola Livre de Sociologia Política, tributária da Escola de Chicago e a então Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (que recebeu a missão francesa, com Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, e outros), onde começaram as ciências sociais na USP. Era um ambiente intelectual muito estimulante e num primeiro momento, eu historio essa formação, mostrando a originalidade da proposta de Ruth Cardoso e Eunice

Durham, e a abertura que deram a seus alunos, entre os quais me incluo. Foi toda uma geração de orientandos que consolidou uma reflexão sobre a antropologia urbana não só em São Paulo, mas no Brasil, pois elas formaram muitos alunos que hoje estão em várias universidades. Essa foi a primeira parte da tese; em seguida mostro como, a partir da minha própria pesquisa, a partir do lazer, abri o campo para os trabalhos dos meus alunos. A segunda parte da tese (que agora virou livro, *Da periferia ao Centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*, publicado pela editora Terceiro Nome) faz um apanhado de três pesquisas: uma sobre religiões contemporâneas na cidade de São Paulo, outra sobre os surdos e finalmente sobre jovens; três temas desenvolvidos no Núcleo de Antropologia Urbana. Por fim, faço uma reflexão metodológica sobre o fazer etnográfico. A tese, então, contempla a história, a pesquisa e termina com metodologia.

**Jania:** a discussão sobre o fazer etnográfico é um tema recorrente nos seus textos; eu gostaria que o senhor falasse sobre o que motiva ou inspira essa reflexão.

**Magnani:** comecei por notar o uso, muito reducionista, que se faz da etnografia, em outras áreas. No último artigo que escrevi para a revista **Horizontes Antropológicos**, cito na introdução um trechinho que é hilário. Profissionais de pesquisa de mercado e de marketing dizem que fazem etnografia para detectar a pauta de consumo da classe C e D. Uma pessoa desse ramo concedeu entrevista para o jornal Folha de São Paulo e na entrevista para o jornalista, soltou a seguinte definição de etnografia: “Etnografia é uma espécie de estágio na favela”. É para rir (ou chorar), não é? É preciso ressaltar que a etnografia é um método, não uma mera ferramenta de pesquisa, pronta, que se pode usar de qualquer maneira. Como método, foi forjada pela antropologia ao longo da sua formação e não pode ser utilizada, sem mais, ignorando os diferentes contextos

teóricos que lhe dão fundamento. Se não, ela passa de método a ferramenta, sendo empregada de maneira trivial, rasa. Isso não quer dizer que outras áreas não possam utilizar e se apropriar do nosso método de trabalho, mas com o devido cuidado; do contrário, perde consistência. A expressão “observação participante”, então, virou lugar comum; qualquer ida a campo vira observação participante. Os profissionais de outras áreas precisam entender que para produzir uma etnografia, é preciso antes conhecer as boas etnografias que já foram feitas. Nesse artigo que escrevi na **Horizontes Antropológicos** distingo entre a “prática etnográfica” e a “experiência etnográfica”. A prática etnográfica é a parte que os alunos menos gostam, porque implica fazer o projeto, consultar a bibliografia, ir a campo mesmo quando não ocorre nada de “interessante”, seguir o cronograma. No entanto, é a parte que, de certa maneira, permite que haja uma pesquisa ao longo do tempo. Seguindo direitinho o roteiro e estando equipado com essa perspectiva, é possível então que ocorra o outro lado, que é o considerado mais interessante, o insight, a experiência etnográfica, o encontro com o outro. Mas não dá para separar um do outro, achar que a parte da prática etnográfica é o lado burocrático e pensar que vai se ter insight, logo de cara, assim, por alguma inspiração. Então, acho que a etnografia é o resultado desse diálogo entre as duas atitudes, uma que é a prática cotidiana, exige empenho e dedicação ao campo, e a outra, para a qual é preciso estar atento para não deixar passar aquele momento meio mágico que é a “sacada”.

**Jania:** o caderno de campo parece ser uma ferramenta importante nesse processo. Em um artigo na **Ponto Urbe** o senhor observa que os antropólogos mobilizam esta logística de diferentes modos: alguns utilizam cadernetinhas, outros preferem o note-book... Mas que o importante seria o processo subjacente ao uso do caderno, de elaboração ou sistematização em

## A etnografia é um método...

torno da experiência de contato com a alteridade...

**Magnani:** é o velho e bom caderno de campo, nosso instrumento, que cabe no bolso; é claro que hoje temos gravador como este que você está usando, há o recurso de filmar, de gravar entrevistas com celular, bem discreto, mas nada substitui aquela conversa ou observação que se prolongam, são interrompidas, são retomadas. Como afirma Geertz, é preciso combinar o “estar lá” e o “escrever aqui”; o momento da observação exige a transcrição. É uma prática que eu faço rotineiramente e recomendo aos alunos: vão a campo, observem tudo, anotem, treinem o olhar e o ouvido; de volta à casa e, com base nas observações mesmo fragmentárias do caderno de campo, passem tudo a limpo. Dá-se uma ordem a essas observações; é ainda uma ordenação cronológica, não é preciso nenhuma grande interpretação teórica... Assim, distingo relato de campo e notas do caderno de campo. Esse processo permite uma primeira ordenação, uma narrativa dos dados de campo; e, da leitura do corpus mais alentado destes relatos, é que vão aparecer os famosos insights, começam a surgir as linhas de interpretação, de reflexão, e o trabalho de campo fica prazeroso. Como se sabe, não se vai a campo com uma teoria já pronta, sem estar disposto a ser afetado, como hoje se diz. E este “ser afetado” também aparece no caderno, depois no relato e, ainda, na monografia final.

**Jania:** em relação a parcerias acadêmicas, neste momento, quais são as principais parcerias e trocas interinstitucionais que o senhor mantém?

**Magnani:** atualmente, coordeno um GT de antropologia urbana na ABA, “Etnografias Urbanas: fronteiras e diversidades”. No plano internacional, faço parte de uma rede Brasil-Portugal, que congrega interessados na questão urbana. Esta rede se propõe a conectar países lusófonos; iniciamos com Brasil e Portugal e estamos ampliando agora para países africanos de

língua portuguesa. Essa parceria conta com o professor Carlos Fortuna, de Coimbra, e na USP participamos eu, Heitor Frúgoli, Fraya Frhese; de Alagoas, Rogério Proença da UFAL, e aqui em Fortaleza, a professora Irllys Barreira, além de outros pesquisadores de várias outras instituições. Formamos um grupo que se encontra de tempos em tempos para poder discutir pesquisas sobre a cidade e os resultados foram publicados em duas coletâneas. Outro tipo de trabalho conjunto, que considero como parceria, é com meus ex-alunos que foram aprovados em concursos em várias universidades. Silvana Nascimento está na Paraíba, é atual coordenadora da pós-graduação, no campus da UFPB do Rio Tinto. Antônio Maurício está em Belém, Luiz Henrique de Toledo em São Carlos, Ciméa Beviláqua em Curitiba, Elizete Schwade em Natal. Eles fazem parte do “NAU ampliado”: fizeram suas próprias escolhas, construindo parcerias, mas a gente procura manter o espírito do Núcleo, compartilhando reflexões e atividades.

**Jania:** na opinião do senhor, quais são as discussões mais fascinantes do debate antropológico contemporâneo?

**Magnani:** dentro de meu campo, que é antropologia urbana, penso que há uma contribuição com a qual podemos dialogar num contexto mais amplo. Nas pesquisas de etnologia indígena, essa contribuição já é reconhecida, mas acho que está na hora de a antropologia urbana também participar dos diálogos internacionais, porque há especificidades decorrentes de nossos recortes empíricos e escolhas teórico-metodológicas. Retomo nossa incursão às cidades médias e pequenas da Amazônia. É uma tentativa de sair dos recortes ditados pela escala das grandes metrópoles, como fazemos habitualmente em cidades do Sudeste e capitais do Nordeste. Essas cidades, nas calhas dos rios amazônicos, têm uma dinâmica própria, e estão a exigir novos

investimentos, experimentos e pesquisas. Acabamos de publicar um livro na coleção **Antropologia Hoje**, da Editora Terceiro Nome; é um texto de Michel Agier em que ele trabalha com acampamentos e grupos de refugiados. Esses movimentos de população são vistos como ameaça, mas o fato é que estão chegando às cidades, integram a rede urbana. Não dá mais para pensar a cidade isolada; é preciso encarar sistemas de cidades e a agência de novos atores sociais que entram em contato não apenas com o contexto urbano em suas circunstâncias geográficas, mas com a urbanidade através da internet, dos meios de comunicação. As redes, virtual e presencial, se comunicam; daí a atualidade da categoria de circuito ao permitir identificar trajetos que transcendem o espaço físico.

**Jania:** ontem, quando proferia a aula inaugural do nosso curso aqui na UFC, o senhor ressaltava esse movimento interessante que está ocorrendo nas ciências sociais da Europa, que é a apropriação de reflexões e categorias de análise da Escola de Chicago, mencionando que esta apropriação está relacionada a similaridades entre o atual panorama urbano na Europa e a cidade de Chicago na primeira metade do século XX. O senhor poderia falar mais sobre este movimento?

**Magnani:** chama mesmo a atenção o fato de a Escola de Chicago, que – tirando Erving Goffman e as leituras de Foot-White em **Sociedade de Esquina** – esteve de quarentena depois dos anos sessenta, volte a inspirar estudos de questões urbanas na Europa. Esse retorno tem a ver com a intensificação dos processos migratórios, com a visibilidade de jovens oriundos de famílias das ex-colônias, agora cidadãos com plenos direitos. Eles são franceses, por exemplo, mas exibem um ethos diferente, uma religião diferente, uma cor diferente e até roupas diferentes. Como pensar essa situação, que evoca a de Chicago nos anos 1920? Formam guetos, reúnem-se em “sociedades de esquina”? Este

revival termina por valorizar o que a antropologia brasileira tem produzido, pois muitos fenômenos urbanos que são novidade na Europa, aqui são conhecidos de longa data: conhecemos a Escola de Chicago desde os anos 1930; já elaboramos categorias para analisar esses problemas. A rede Brasil-Portugal, mencionada anteriormente, é uma tentativa de encontrar similaridades entre o que pesquisamos no Brasil e na Europa, e também de comparar a forma como conduzimos as pesquisas, cá e lá. Neste caso, tratamos mais das experiências ligadas a Portugal e Espanha, mas vejo possibilidades de ampliar em muitas vias esses diálogos.

**Jania:** nos últimos anos, aqui no Brasil, nós temos lido com entusiasmo alguns autores que não se pode considerar componentes de uma escola, mas que apresentam afinidades em relação a preocupações relacionadas ao trabalho de campo e às linguagens conceituais consagradas nas ciências humanas. Estou falando de Roy Wagner, Marilyn Strathern, Bruno Latour, Alfred Gell, dentre outros, que por falta de denominações mais precisas, costumam ser associados à “antropologia simétrica”. Qual a importância desta bibliografia em suas pesquisas atuais?

**Magnani:** essa literatura está bem em moda, e nem é muito nova; cabe lembrar que um dos textos atualmente em alta, *A invenção da cultura*, de Roy Wagner, foi publicado em 1974. Em todo caso, estou trabalhando com um desses autores. Não foi um dos que você citou, é Tim Ingold, cujas preocupações e encaminhamentos analíticos tem ajudado a pensar a presença indígena na cidade. Ele tem como base a sua etnografia com caçadores e coletores da Lapônia e começou a ampliar a reflexão sobre habilidades, modos de estar, maneiras de habitar. Começamos com o livro *The perception of environment*, que é uma coletânea de artigos; depois *Lines...* E é interessante notar que Ingold desenvolve análises muito próximas a

algumas que norteiam nosso trabalho. No caso dos Sateré – Mawé em Manaus e cidades vizinhas –, não se trata simplesmente de uma presença, e justamente em bairros periféricos: eles circulam, estabelecem circuitos entre as aldeias urbanas e as das Terras Indígenas, estabelecem alianças com outros atores sociais, etc. Então é isso; esta é a forma como incorporamos um desses autores “de moda”. Penso que esta literatura a que você se refere abre boas perspectivas desde que permita ampliar os horizontes de nossas pesquisas. O perigo é uma certa empolgação que se traduz num uso descontextualizado, sem as devidas mediações. O resultado é que as discussões inovadoras, que poderiam abrir perspectivas no campo, acabam atrapalhando, não vão além do modismo.

**Jania:** para finalizar a entrevista, pergunto se há alguma atividade intelectual que senhor ou o NAU esteja desenvolvendo que nós não contemplamos ainda e que o senhor considera importante ressaltar?

**Magnani:** olha, além do que você perguntou, cabe mencionar que mantemos um *site*, espécie de portal do que a gente faz no Núcleo de Antropologia Urbana. Atualmente, estou dando uma assessoria para o Museu do Futebol, situado em dependências do Estádio do Pacaembu. As diretoras desse museu, Daniela Amaral e Clara Azevedo, são integrantes do Núcleo de Antropologia Urbana, e estão conduzindo um extenso levantamento de orientação etnográfica sobre futebol de várzea na cidade. A ideia é evitar uma prática museológica convencional e fazer do Museu do Futebol, que tem grande apelo de público (juntamente com o Museu da Língua Portuguesa é um dos mais visitados), um espaço interativo, dotando-o de um banco de dados, fazendo dele um centro de referência histórico e de pesquisa. Nessa perspectiva, mais que um lugar de guarda de troféus, camisas, cânticos, fotografias, etc. é um espaço onde o futebol é visto como locus de

sociabilidade, uma via de acesso a formas específicas da dinâmica urbana. Esta assessoria está ligada a outro objeto de pesquisa (tema da dissertação de outro integrante do NAU, Rodrigo Chiquetto) que é um torneio de futebol amador em Manaus, o “Peladão”. Dele participam indígenas numa chave especial, e o que temos visto é que não se trata de mero entretenimento; não é apenas uma modalidade de lazer, pois na hora de formar os times há toda uma discussão sobre quem é e quem não é índio, se tal ou qual time tem branco, etc. Ou seja, é um momento de visibilidade, de controvérsias, disputas, para além, das quatro linhas... Na verdade, há outras atividades e linhas de pesquisa em andamento no NAU, mas já está na hora de concluir e gostaria então de enfatizar que o que realmente mobiliza é a perspectiva de estar sempre experimentando. A antropologia deve estar atenta às práticas dos atores sociais, criativos em seus arranjos: então, o pesquisador tem que ser criativo, também. Como já dizia Mariza Peirano, a antropologia é a mais artesanal e a mais pretensiosa das ciências sociais porque, com seu método tradicional, a etnografia, com instrumentos como a observação participante, etc. sente-se à vontade em temas tão ambiciosos como o sagrado, a política, a cosmologia, a organização social...

\* \* \*

#### Nota

- 1 Doutora em Antropologia Social pela USP. Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC.

Recebido para publicação em junho / 2012. Aceito em julho / 2012